

SPREAD THE SIGN - BRASIL: NOS LIMITES DA TRADUÇÃO INGLÊS - PORTUGUÊS BRASILEIRO - LIBRAS

JOSEANE MACIEL VIANA¹; ANGELA NEDIANE DOS SANTOS²; TATIANA
BOLIVAR LEBEDEFF³

¹Universidade Federal de Pelotas – joseane.mviana@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelanediane@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - tblebedeff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Spread The Sign - Brasil (STS-Brasil) é uma parte do Projeto Spread The Sign (STS) que visa realizar uma coleta internacional de sinais nas diversas Línguas de Sinais de mais de vinte países ao redor do mundo. No Brasil, estes registros estão a cargo do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos - GIPES, no qual participam docentes e discentes da UFSM, UFRGS, UNISINOS e UFPEL. Segundo as regras do projeto, criado na Suécia, pelo Dr. Thomas Lydell-Olsen, em 2006, listas de palavras e expressões em inglês são enviados para instituições dos países convidados a participar para serem traduzidas para as línguas orais deles e, posteriormente, para a Língua de Sinais correspondente.

Como comentam Bettencourt et al (2017), os desafios do STS estão para além da tradução de palavras:

A construção deste dicionário multilíngue tem como língua base para introdução de vocábulos o inglês, sendo posteriormente feita a tradução para a língua de cada um dos países membros e depois para as respectivas línguas gestuais. É este o primeiro desafio com que nos deparamos: ter em conta três línguas diferentes – inglês (LI), português (LP) e LGP – e, conseqüentemente, três culturas diferentes.

O presente trabalho se localiza nos Estudos da Tradução, problematizando os atravessamentos culturais presentes no processo tradutório entre as línguas orais, tendo como língua alvo a língua de sinais.

Sendo assim, busca-se discutir, aqui, a relevância da pesquisa lexicográfica das Línguas de Sinais, ao mesmo tempo em que se problematiza a tradução de línguas orais ao analisar o caso de dois vocábulos, *dispensary* e *detention*, como exemplos de embate cultural e linguístico presentes na prática desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Uma equipe formada por professores, alunos e técnicos das instituições pertencentes ao GIPES, fluentes em Libras, são responsáveis pela sistematização do STS-Brasil. A metodologia adotada pelos grupos segue as orientações da coordenação geral do projeto, na Suécia. Estas englobam traduções interlinguais entre as línguas orais, verificação da dicionarização dos sinais e de suas variantes que também poderão ser registradas no STS.

Na UFPEL estão organizados dois grupos: um de tradução do Inglês para o Português e outro do Português para o Inglês. Em ambos os grupos encontram-se Tradutores Intérpretes de Línguas de Sinais. O grupo do “Inglês”



encaminha as listas de palavras enviadas pela Suécia traduzidas para o Português para o grupo da “Libras” que traduz do Português para a Libras. Em algumas situações, os dois grupos se reúnem para discutir a tradução de palavras que apresentam peculiaridades que dificultam sua tradução. Essas peculiaridades envolvem, por exemplo, questões culturais ou, ainda, palavras que não possuem traduções para a Libras e que necessitariam de uma explicação do conceito. Na tradução interlingual, principalmente no que tange a diferentes modalidades de língua, que é o caso aqui, se sabe que a tradução direta ou literal é raramente observada, visto que, como assegura SOBRAL (2008)

Haveria equivalência se a cada unidade de um sistema correspondesse uma unidade de outro. Contudo, vê-se na prática que palavras que designam o “mesmo” referente, a mesma coisa no mundo, recobrem universos semânticos e atitudes dos usuários que alteram, com maior ou menor amplitude, se sentido. (p. 35)

Para a análise a qual se propõe este trabalho, foram selecionadas duas expressões no Inglês que provocaram questionamentos na equipe e, assim, se tornaram dignas de um enfoque diferenciado, são elas *dispensary* e *detention*. Apesar de reconhecermos os conceitos, e a sua viabilidade de tradução, elas não fazem parte da cultura brasileira, necessitando de uma explicação conceitual tanto em Português como em Libras. A problematização desta tradução se estrutura na comparação com outras três línguas de sinais, a LGP (Língua Gestual Portuguesa), a LSF (Língua de Sinais Francesa) e a LSE (Língua de Sinais Espanhola), para ver como as outras equipes resolveram este problema tradutório. As aproximações e distanciamentos entre as traduções são analisadas contextualmente, ressaltando as estratégias tradutórias existentes nos diferentes processos, todos ligados ao ambiente escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambas as expressões, *dispensary* e *detention* fazem parte da lista de palavras intitulada “Escola”, ou seja, que fazem parte de palavras utilizadas no contexto escolar, tais como: “sala de aula/*classroom*”, “corredor/*corridor*” e “orientação/*counseling*”, entre tantas outras. Guiados pelo seu conceito aplicado ao contexto escolar brasileiro, a maioria das palavras pode ser trazida para a realidade brasileira e traduzida para a Libras pelos pesquisadores envolvidos em ambos os grupos (“Inglês” e “Libras”). Aqueles vocábulos que não se prestaram a tal processo, neste caso, *dispensary* e *detention*, foram ignorados, não traduzidos.

O determinante para tais escolhas de pesquisa e registro foi exatamente o seu uso pela comunidade surda brasileira, no âmbito escolar. Ambos os grupos entenderam não fazer parte do cenário escolar brasileiro tais expressões. Neste trabalho foram analisadas as estratégias de tradução de outros países, como para o vocábulo *dispensary*.

O conceito *dispensary* é genérico, podendo ser encontrado na sua relação com diversas organizações, aqui listadas, como exemplos, os hospitais e escolas. Mas o seu significado fiel se debruça em um lugar onde são armazenados medicamentos e suprimentos/equipamentos médicos, o que é proibido em escolas brasileiras:

Traduções no Spread The Sign - *Dispensary*

Inglês	Descrição em inglês presente nas listas do STS	Tradução para o Português Brasileiro	Língua de Sinais Francesa	Língua de Sinais Espanhola	Língua Gestual Portuguesa
<i>Dispensary</i>	An office in a school, hospital or other organization that dispenses medications and medical supplies	Uma sala em uma escola, hospital ou outro tipo de organização que armazena remédios e demais suprimentos médicos	<i>Pharmacie</i> (Em LSF foi feito somente um sinal - igual ao de "Farmácia")	<i>Dispensario</i> (Em LSE foi feito somente um sinal - igual ao de "Farmácia")	<i>Dispensário</i> (Em LGP foi feita uma explicação de que isto é um armário no qual são guardados remédios na escola)

Portanto, *dispensary* foi retirado da tradução para Libras por dois motivos: a) não haver um sinal específico e b) não se enquadrar no contexto educacional brasileiro. Em outros países como França e Espanha, foi traduzido para *Farmácia*, o que não faria sentido no nosso contexto também. Já uma opção razoável seria traduzir da mesma forma que Portugal - uma explicação conceitual, porém não foram encontrados subsídios nas regras do STS para tal estratégia.

Já as estratégias de tradução para *detention* se apresentaram da seguinte forma:

Traduções no Spread The Sign - *Detention*

Inglês	Descrição em inglês presente nas listas do STS	Tradução para o Português Brasileiro	Língua de Sinais Francesa	Língua de Sinais Espanhola	Língua Gestual Portuguesa
<i>Detention</i>	The act of detaining or the state of being detained	O ato de deter ou o estado de estar detento	<i>Détention</i> (Em LSF foi feito somente um sinal - semelhante ao de Prisão)	<i>Detención</i> (Em LSE foi feito somente um sinal - igual ao de "Prisão")	<i>Detenção</i> (Em LGP foi feito um sinal que não se repete em outro contexto no site)

O vocábulo *detention* é utilizado em vários contextos em todos os países analisados. Entende-se que, por isso, dois deles, França e Espanha, o tenham traduzido com o mesmo sinal que "prisão" ou "cadeia", como se pode encontrar em outras traduções feitas por estes países no site do STS. Uma definição mais completa, fornecida pelo *website* Queensland Government, traz a seguinte ideia:

"Detenção é uma consequência da qual as escolas fazem uso para corrigir comportamentos inapropriados de seus alunos. Detenções podem ocorrer durante o período de aula, fora dele, ou ainda em dias não-letivos (por exemplo, uma manhã de sábado)" (tradução nossa)

Ou seja, não se restringe ao ato de "deter" ou "estar detido", mas em um contexto escolar, esta expressão remete ao castigo, com atividades em uma sala

separada, para alunos que apresentam mau comportamento. Esta definição se aproxima da realidade educacional de diversos países de língua oral inglesa, como: EUA, Reino Unido, Austrália, Cingapura, entre outros.

Em Espanhol se pode encontrar este conceito com definição bem clara no *website* espanhol *Conocimientos Web*, evidenciando a existência desta prática escolar, porém sua tradução para a Língua de Sinais Espanhola (LSE) nos remete ao conceito de “prisão”, o que seria uma aplicação genérica para o termo que, no STS, é colocado na lista de expressões escolares. O mesmo acontece com a tradução feita pela França, em LSF. Em LGP - Língua Gestual Portuguesa, foi traduzido como *detenção* e utilizado um sinal próprio, o qual acreditamos se referir a algum tipo de advertência dada ao aluno, pois não foram encontradas evidências dessa prática nas escolas portuguesas.

Entendendo que *detention* nos remete a um *castigo dado ao aluno*, com o objetivo de *corrigir o seu comportamento*, o STS-Brasil optou por não traduzir para a Libras, pois não se enquadra no contexto educacional brasileiro.

4. CONCLUSÕES

À guisa de conclusão, o presente estudo entende que processos tradutórios vão além de um estudo linguístico, mas se baseiam, também, nos contextos e culturas envolvidas. Aqui se mostrou evidente a cultura surda (STROBEL, 2009), e os diversos contextos em que um sinal pode ser utilizado. Para além do fato de trabalhar com uma ferramenta tecnológica diferenciada, a qual busca registrar as diversas línguas de sinais ao redor do mundo, a possibilidade de investigação no âmbito do STS revela-se extremamente importante ao perceber este registro como campo de pesquisa qualitativa. O estudo, realizado pela equipe do STS da UFPEL, do uso e validação dos sinais culturalmente surdos dentro do contexto escolar, vai de encontro com alguns registros de outros países, os quais se mostram de cunho quantitativo, e, muitas vezes não contextualizando os sinais traduzidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- Site: **Queensland Government**. Acessado em: 11 de out. de 2017 Disponível em: <http://education.qld.gov.au/behaviour/detentions.html>.
- Site: **Conocimientos Web**. Acessado em: 12 de out. de 2017. Disponível em: <http://www.conocimientosweb.net/dcmt/ficha13720.html>.
- SOBRAL, A. A possibilidade da tradução: o traduzível e o tradutível. In: **Dizer o “mesmo” a Outros: ensaios sobre a tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008. p. 31-46.
- BETTENCOURT, F. et all. Trabalho cooperativo de investigadores surdos e ouvintes: Projetos Spread The Sign e *PLACES*. Acesso em: 10 de out. de 2017. Disponível em: http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Artigo_Arqueiro_Bettencourt_Pinho_Sousa_Coelho.pdf.